

# Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica

Maria Antonia CARNIELLO<sup>1</sup>, Roberta dos Santos SILVA<sup>2</sup>, Maria Ap. Berbem da CRUZ<sup>3</sup> e Germano GUARIM NETO<sup>4</sup>.

## RESUMO

Quintais são espaços de fácil acesso e cômodos para os moradores cultivarem uma diversidade de espécies que desempenham funções de estética, lazer, alimentação e medicinal, dentre outras. O objetivo deste trabalho foi o de descrever a composição florística e a respectiva utilização em quintais urbanos de Mirassol D'Oeste, MT, (15° 45'30" S e 058°16'36" W), com a coleta de dados envolvendo: entrevistas estruturadas e semi-estruturadas aplicadas a 29 moradores; coleta simultânea do material botânico das espécies indicadas, incorporação destas no Laboratório de Botânica da UNEMAT, Cáceres e análise da frequência absoluta e relativa das espécies mais citadas e encontradas nos quintais. Foram registradas 397 denominações locais de plantas (etnoespécies), 275 *taxa* reunidos em 79 famílias destacando-se com maior número de espécies: Solanaceae (23), Asteraceae (17), Lamiaceae (14), Rosaceae (12) e Verbenaceae (9). Os atributos alimentar e ornamental representam, individualmente, 35% das espécies e o medicinal, 29%. Algumas plantas detêm até quatro potencialidades. Do universo vegetal conhecido e utilizado localmente as espécies nativas correspondem a 8%, resultado considerado baixo comparando-se aos obtidos em populações mato-grossenses radicadas no Cerrado e Pantanal. Essa população manifesta por meio de suas práticas uma tradição agrícola em interface às características de uma sociedade urbano - industrial coabitando em espaços comuns, o quintal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Composição florística, etnobotânica, quintais urbanos.

## Urban homegardens of Mirassol D'Oeste-MT, Brazil: an ethnobotany study

### ABSTRACT

A home garden is a small track of ground next to or surrounding a house where its residents can cultivate a diversity of plants, whose function is aesthetic, leisure, food, medicinal among others. The aim of this work was to study the floristic composition of urban homegardens in the city of Mirassol D'Oeste, state of Mato Grosso, coordinate 15°45'30"S and 58°16'36"W. For collecting data we interviewed 29 residents using structured and semi-structured interviews; and, simultaneously collected botanical species which we analysed at the Mato Grosso State University Botanical Laboratory, in Cáceres. We made statistical analyses using absolute frequency and relative frequency to quantify and specify the botanical species found in the gardens. We registered a total of 397 ethnobotanical species and grouped 275 *taxa* in 79 botanical families. The highest numbers among them were 23 species of Solanaceae, 17 Asteraceae, 14 Lamiaceae, 12 Rosaceae and 9 species of Verbenaceae. Food and ornamental attributes represented 35 % of the species and medicinal 29%. Some species had up to four potentialities. From the known plant universe used locally, native species corresponded to 8%. This percentage was considered low when compared to that of the population living in the Pantanal and cerrado areas. This population demonstrated an interface between agricultural tradition and the characteristics of urban-industrial society living in common spaces: the homegardens.

**KEYWORDS:** Floristic composition, ethnobotany, urban homegardens.

1. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres. carniello@terra.com.br.

Autora para correspondência (Rua da Maravilha nº. 124. Edifício Rancho Verde Aptº52, Cavalhada – CEP:78.200-000, Cáceres, MT.

2. Universidade Federal de Viçosa – Doutorado em Biologia Vegetal pelo Departamento de Botânica.

3. Bióloga do Magistério Público de Mato Grosso.

4. IB/UFMT – Departamento de Botânica e Ecologia, Cuiabá, MT.

## INTRODUÇÃO

Com característica interdisciplinar a etnobotânica abrange estudos que tratam das relações estabelecidas por comunidades humanas com o componente vegetal. Para Alcorn (1997), a etnobotânica é uma ciência que, atualmente, prima pelo registro sobre as relações estabelecidas entre comunidades humanas e plantas, de forma contextualizada. Tais inter-relações são efetivadas no cotidiano de populações com os seus respectivos locais de origem, assim como onde se estabelecem em virtude do processo migratório. São modeladas pela história da comunidade, pelo ambiente físico, social e ainda pelas qualidades inerentes às próprias plantas (Caballero, 1979; Prance, 2000).

Acerca dessas inter-relações vêm sendo realizadas investigações com povos de várias matrizes culturais e organizações sociais, os quais estão estabelecidos em diferentes unidades de paisagem e regiões do planeta. O quintal é uma unidade de paisagem no qual são adotados manejos concebidos e executados de maneira harmoniosa envolvendo diferentes formas de vida (Kumar e Nair, 2004). Esses autores afirmam, ainda, que o elevado número de espécies encontrado nos quintais e as interações estabelecidas com os respectivos idealizadores satisfazem necessidades econômica, social e cultural específicas do grupo envolvido. No âmbito mais amplo e de alcance para a coletividade essas interações provêm à conservação biológica e o seqüestro de carbono entre outros benefícios.

Estudos etnobotânicos recentes têm focado o quintal rural (Saraguossi *et al.*, 1990; Noda e Noda, 2003) e o urbano (Martins, 1998), dentre outros, como uma importante unidade de paisagem reveladora da incorporação, uso e conservação de biodiversidade. Os quintais podem ser considerados relevantes depositários de germoplasma, além de outros aspectos como segurança alimentar, estético e cultural (Amorozo, 2002a). Para Freire *et al.* (2005), o quintal é um laboratório da vida no contexto da agricultura familiar, enquanto que para Oakley (2004), a conservação dos quintais é uma responsabilidade cultural.

No mosaico da arquitetura urbana no Brasil, o quintal é um elemento fortemente destacado em todos os períodos da história de formação dos conglomerados urbanos. É um espaço marcado por uma intensa ligação com atividades próprias das sociedades agrícolas que ao se transferirem para o meio urbano passaram a reproduzir práticas do meio rural em dimensões territoriais reduzidas. Segundo Silva (2004), em condomínios verticais a área de serviço constitui "... uma reminiscência do quintal..." Ele argumenta, ainda, que nos últimos dois séculos os quintais no meio urbano têm persistido nos projetos arquitetônicos com espaço ínfimo e as funções foram gradativamente descaracterizadas em relação à respectiva origem.

Os dois processos considerados de maior impacto na estabilidade de quintais em diversas partes do mundo são: o atual modelo de crescimento econômico que envolve as áreas rurais e urbanas e o crescimento da população (Soemarwoto e Conway, 1992). Ambos têm motivado a concentração de pessoas nos centros urbanos, em espaços planejados e pré-definidos horizontal e verticalmente. Ressalta-se que nas periferias dos centros urbanos, o planejamento é precário ou inexistente na maioria das cidades brasileiras.

Alguns estudos revelaram que nos centros urbanos, embora dispondo de diminutos espaços, povos dotados do hábito de cultivar plantas têm mantido os seus quintais, os quais têm se constituído em acervos de espécies raras e de remanescentes da composição florística local (Ferreira e Dias, 1993; Amorozo, 2002a; 2002b).

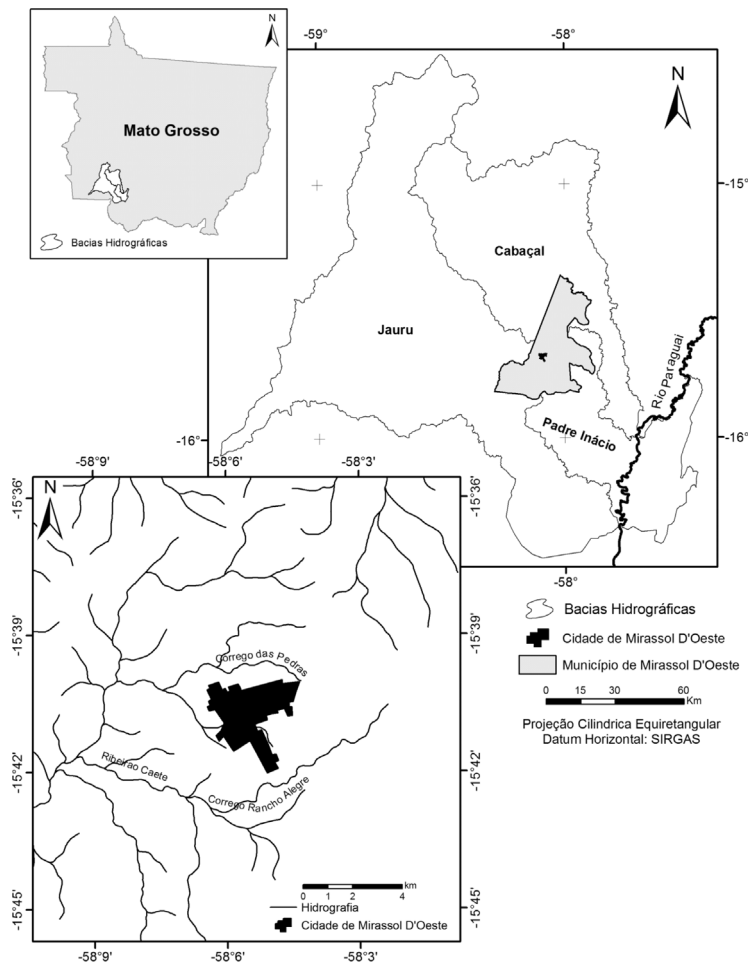
Trabalhos realizados em quintais, manejados por povos de diferentes culturas e localizados no território mato-grossense, têm possibilitado o registro do arranjo desse espaço, envolvendo a estrutura de organização, a composição, o manejo e a função das plantas (Ferreira e Dias, 1993; Brito e Coelho, 2000; Amorozo, 2002a; 2002b; Santos, 2004; Pasa *et al.*, 2005). Esses trabalhos estão concentrados principalmente na Baixada Cuiabana e no norte do Estado, em áreas florestais.

Estudos etnobotânicos em Mato Grosso são necessários devido a três aspectos principais: a privilegiada extensão territorial com remanescentes da cobertura vegetal composta por Floresta, Cerrado (*lato sensu*), Pantanal e os ecótonos entre estes; a diversidade cultural composta por cerca de 40 povos indígenas (Brasil, 2001), populações afro-descendentes e migrantes de origem européia entre outras; e o acelerado processo de mecanização/industrialização da agricultura e expansão da fronteira agropecuária a que estão submetidos, motivando o deslocamento da população para os centros urbanos.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho é o de registrar a composição florística e as relações estabelecidas pela população com as espécies vegetais presentes em quintais urbanos de Mirassol D'Oeste, no sudoeste de Mato Grosso, em área florestal.

## MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo – Está situada na região da borda noroeste do Pantanal em torno das coordenadas 15°45'30"S e 58°16'36"W. O Município de Mirassol D'Oeste pertence à microrregião do Vale do Jauru e sua área encontra-se distribuída em três bacias sendo a do rio Jauru, do Córrego Padre Inácio e do rio Cabaçal, compreendendo respectivamente 36,38%, 28,22% e 35,40% da extensão total do município. (Figura 1).



**Figura 1** - Localização da área de estudo: Mirassol D'Oeste, MT. Mapa organizado por Carniello e Neves (2008), SERPEGEO/Laboratório de Geotecnologias/UNEMAT.

O relevo é caracterizado como depressão do rio Paraguai, calha do Jauru, especificamente na porção que alcança os limites entre as bacias Platina e Amazônica.

A cobertura vegetal está caracterizada como uma importante área onde convergem características vegetacionais remanescentes de cerrado (*sensu lato*), também sob a influência das áreas úmidas do Pantanal, e ainda, com a presença de fragmentos de Floresta Amazônica com algumas áreas ecotonais sujeitas à grande pressão provocada pela ocupação e uso da terra. Cerca de 80% de toda a cobertura vegetal do município foi substituída por cultivos agrícolas diversificados, implantados nos últimos 30 anos. Dois fragmentos vegetacionais estão localizados próximos ao meio urbano e cobrem as Serras Tamandaré e Sonho Azul-Cacho. Ambas distam entre um e cinco quilômetros do centro urbano e estão sob intensa pressão antrópica em face às pastagens e lavouras

implantadas no entorno (Miranda e Amorim, 2001; SEPLAN/MT (<http://www.seplan.mt.gov.br>) Acesso: 03/02/05.

A economia do município está baseada nas atividades de pecuária, agricultura, agroindústria e comércio. Conforme FIBGE (2000) e dados da Secretaria de Fazenda de Mirassol D'Oeste (2004, banco de cadastro urbano), na sede do município residem 16.938 habitantes correspondendo a 73 % da população total do município. O número de domicílios ocupados exclusivamente como residência é de 3.764.

Procedimentos de coleta e análise dos dados - As estratégias de coleta e tratamento dos dados adotados no presente estudo seguem os métodos propostos por Bernard (1988), Martin (1995), e também às orientações teórico-práticas discutidas por Amorozo (1996), Ming (1996) e Albuquerque (2002). A coleta de dados teve a duração de 18 meses, entre anos de 2003 e 2004.

Foram estabelecidas três fases de contato com a comunidade que compreendeu: 1) delimitação da área de estudo envolvendo todos os bairros da sede do município, 2) observação exploratória para diagnóstico dos domicílios que apresentavam no mínimo 40 espécies vegetais manejadas e consideradas úteis pelo respectivo responsável. No final desta fase foi estabelecida uma amostra de 5% dos quintais abrangendo todos os bairros da cidade. A escolha foi fundamentada nas características anteriormente descritas. Na fase três foram realizadas entrevistas orientadas por um roteiro semi-estruturado (perguntas abertas e fechada) caracterizando o perfil do informante quanto aos aspectos culturais, socioeconômicos e forma de utilização do domicílio. Em seguida o domicílio foi caracterizado quanto a sua extensão, período de fundação, composição florística, manejo adotado no cultivo de plantas, formas de uso e processamento para obtenção dos produtos advindos dos recursos vegetais do quintal. As entrevistas foram realizadas com os responsáveis pelos domicílios, sendo 19 mulheres e 10 homens, cuja faixa etária compreende 28 a 78 anos.

Na coleta de dados foi adotada a observação participante de acordo com o que dispõem Lüdke e André (1986), Bernard (1988), Alexiades (1996) e Amorozo (1996). A última autora sintetiza as proposições dos autores mencionados afirmando que “a observação participante é um método tradicionalmente usado em antropologia, que consiste na apreensão, por meio de uma interação cotidiana entre o pesquisador e os membros da comunidade estudada, da forma como opera a cultura em questão e como os atores sociais vêem o seu mundo. Ela poderá proporcionar o cenário sobre o qual se dá o uso de plantas.” As técnicas de observação participante perpassaram por todas as atividades desenvolvidas durante o período de coleta e análise dos dados nos quintais amostrados. Também foram incluídos dados coletados esporadicamente durante o ano de 2004. Simultaneamente, foi preparada uma coleção testemunha do material botânico indicado pela população. As coletas e o tratamento desse material foram realizados em conformidade com FIBGE (1992). O material herborizado foi identificado nas seguintes instituições pelos respectivos especialistas: EMBRAPA/MS: Lima, L., Pott, A. e Pott, V. J.; ESALQ: Forster, W.; Instituto de Botânica de São Paulo: Duarte, M. C., Mamede, M. C. H. e Sugayama, M.; UFMS: Damasceno Junior, G.; UFMT: Guarim Neto, G.; UFSC: Zanin, A.; UFV: Santos-Silva, R. e Ferreira, S. da C.; UNEMAT: Andrade, A. L., Amorim, P. R. F. e Carniello, M. A.; UNESP: Assis, M. A., Braz, D. M., Cavalheiro, L., Dittrich, V. A. de O., Furlan, A., Rampim, V. T., Toroda, N., Udulutsch, R.G. e UNICAMP: Sumiko, L.. A base de dados adotada na elaboração da lista das plantas fanerogâmicas é a de Stevens (2004) – (APGII, Angiosperm Phylogeny Group) e Souza e Lorenzi (2005), exceto para a família Liliaceae mantida *sensu* Cronquist (1981). Para o grupo das Samambaias foi

seguido o que dispõe Moran (1995). A coleção testemunha está depositada no Laboratório de Botânica da UNEMAT, em Cáceres-MT. As duplicatas foram doadas para os herbários das instituições de vínculo dos especialistas colaboradores deste trabalho, acima destacados. Para a classificação dos hábitos das plantas foi adotada a classificação de IBGE (1992), complementada por Ribeiro *et al.* (1999).

Foram realizadas análises de frequência absoluta (Fa.) e frequência relativa (Fr.) de quintais com a presença das espécies mais importantes compreendendo as citadas pelos informantes e encontradas nos quintais estudados, onde:  $Fa = \text{número de quintais de ocorrência da espécie considerada (qti)}$ , e  $Fr = [n(qti) / \sum qt] \times 100$ ; sendo 29, o número total de quintais amostrados (qt).

Os depoimentos incluídos no texto estão identificados em conformidade com as recomendações adotadas em trabalhos com comunidades humanas, compreendendo a idade e as iniciais do nome.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS INFORMANTES E CARACTERIZAÇÃO DOS DOMICÍLIOS

A população entrevistada é imigrante e apresentou forte ligação com a atividade agrícola. São procedentes de nove estados do Brasil sendo 76% oriundos da região sudeste. O itinerário de locais de procedência desta população revelou que 82,75% residiram no meio rural por um período correspondente à metade de suas vidas e 73%, em alguma fase da vida dedicaram-se a alguma atividade agrícola. Atualmente são proprietários e residem no mesmo domicílio há aproximadamente dez anos. Do universo investigado 90% possuem idade superior a 45 anos. Dentre todos os envolvidos neste estudo 31% são não-escolarizados, 55% cursaram o ensino fundamental, 7% o nível médio e 3,44% possui o nível superior. Portanto é um grupo com baixo nível de escolaridade.

Na amostragem 96% possuem fonte de renda fixa e 76% percebe de um a quatro salários mínimos, mensais. Os demais declararam que o teto máximo da renda mensal correspondente a 15 salários. Atualmente 90% dessas pessoas são aposentadas. Destas, homens (11) e mulheres (15) dispõem de tempo integral para convívio no espaço da moradia e para a realização de atividades relacionadas, principalmente, com a administração e manejo do quintal. Dentre as suas atividades cotidianas se dedicam ao cultivo de plantas. Os informantes que exercem atividades externas ao domicílio, estão vinculados ao serviço público estadual. Os entrevistados demonstraram que conhecem e utilizam, preferencialmente, plantas introduzidas de outras regiões do Brasil (exóticas) e com menor ênfase aparecem as espécies que se desenvolvem

espontaneamente ou são naturais da cobertura vegetal da região.

A área disponibilizada para o cultivo apresentou variações de proporção em relação à área total do terreno do domicílio. A extensão territorial de 97% dos lotes varia entre 200-1000m<sup>2</sup> e a área cultivada é de 30-575m<sup>2</sup>. O maior número de espécies cultivadas em um mesmo quintal foi de 209 as quais são manejadas em 102m<sup>2</sup>. A maior área estudada possui 3.750m<sup>2</sup> sendo a única cultivada com a finalidade comercial e que abriga 59 espécies estabelecidas em 3.450m<sup>2</sup> manejados. Em face à extensão territorial de 75% dos domicílios medir de 200 a 500m<sup>2</sup>, predomina o cultivo de espécies herbáceas. Segundo a percepção dessa população esse é um fator limitador para o cultivo de espécies arbóreas nos quintais, principalmente por oferecerem riscos à estrutura das edificações; “eu gosto de árvores de sombra, mas a raiz acaba derrubando a minha casa e do vizinho também. Já tive que derrubar uma mangueira por esse motivo” (69, E.C.). Desse modo pode-se afirmar que o número de espécies cultivadas está mais diretamente relacionado ao interesse e necessidade do proprietário aliados à arquitetura e porte das espécies e sob influência do espaço territorial disponível para o cultivo de plantas.

#### COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DOS QUINTAIS, POTENCIALIDADES E UTILIZAÇÃO

A composição florística estabelecida nos quintais estudados corresponde a 397 plantas indicadas localmente com denominações distintas que equivalem a etnovariedades. O acervo botânico correspondente a estas etnovariedades reúne 275 táxons pertencentes a 79 famílias. Estão identificadas respectivamente nos seguintes níveis: 240 espécies, 34 até o nível de gênero, quatro em nível de família e uma não identificada (Tabela 1, anexada). As famílias com maior número de táxons estão representadas no gráfico a seguir (Figura 2). Outras 35 famílias botânicas estão representadas por uma espécie e 13 famílias com duas.

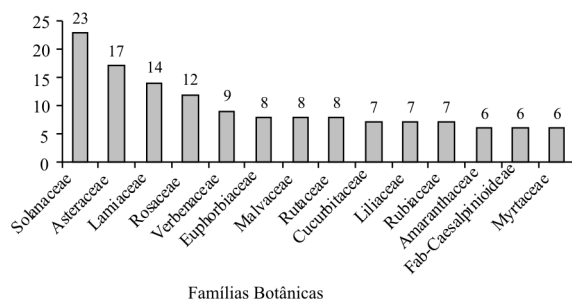


Figura 2 - Famílias Botânicas destacadas com maior número de taxa de cada.

Disposto em diferentes estratos, o componente vegetal presente nos quintais de Mirassol D' Oeste é constituído por plantas pertencentes a seis hábitos sendo: arbóreas, arbustivas,

subarbustivas, herbáceas, trepadeiras e epífitas. Os espécimes estão estabelecidos em íntima interação cobrindo a área cultivada na maioria dos domicílios. Em todos os quintais foram registradas plantas dos quatro primeiros hábitos citados e dentre estes o maior número de etnoespécies (130) pertencem às herbáceas (eretas e rastejantes). Para as plantas epífitas e trepadeiras foram catalogadas respectivamente sete e 23 taxa. Estas plantas cobrem o espaço vertical e horizontal associadas, principalmente, espécies arbóreas, arbustivas e subarbustivas. Cada nível do estrato vegetal parece estar disposto sem nenhum vínculo com funções que estes possam exercer no conjunto da paisagem ou de necessidades dos seus empreendedores. No entanto, reflete a percepção de arquitetura paisagística daqueles que manejam o local, aliada à disponibilidade de espaço para o cultivo.

Nesse contexto, homens e mulheres conhecem e cultivam plantas pertencentes a 19 categorias locais de uso (etnocategorias) correspondentes a 11 categorias de utilização, largamente conhecidas como de uso comum. Contudo, há uma distinção entre os conhecimentos. As mulheres são especialistas no que se refere às espécies ornamentais e o respectivo manejo, enquanto que os homens consideram-se especializados no cultivo de plantas alimentares. As demais categorias são de domínio comum aos dois gêneros. Constatou-se, alta diversidade na composição vegetal destes quintais, e que as plantas introduzidas de outras regiões do país, conhecidos e cultivados por essa população corresponde a aproximadamente 91% dos taxa indicados. Isto pode ser explicado pelo fato de 100% dos entrevistados serem migrantes cujo contato com a composição florística natural da região em que residem é pouco comum.

Cada espécime é plantado e manejado em função dos atributos que provê à população. Dentre as 19 categorias locais de uso das plantas, indicadas pela população estudada, as três principais são: ornamental e alimentação humana com cerca de 35% das citações cada, seguidas da medicinal com 29% da preferência dessa população. Resultados semelhantes em relação às principais categorias foram registrados em Mato Grosso por Carniello *et al.* (2003), Santos (2004), Pasa *et al.* (2005) e em outras regiões do Brasil (Albuquerque e Andrade, 2002). Comparando-se a hierarquia de preferência dessas mesmas categorias, Santos (2004) registrou em Alta Floresta resultados semelhantes aos de Mirassol D'Oeste para as utilizações alimentar e ornamental. Por outro lado, Pasa *et al.* (2005) registraram em quintais da comunidade de Conceição-Açú, na baixada Cuiabana, MT, a utilização alimentar como principal seguida da medicinal, enquanto a ornamental diverge dos resultados descritos acima, ocupando o terceiro nível de importância e com o menor número de espécies no universo conhecido naquela comunidade. Amorozo (2002a) afirma



que em cidades industrializadas, do interior de São Paulo, a potencialidade ornamental é a principal.

As semelhanças registradas entre Mirassol D'Oeste e Alta Floresta consubstanciadas por intermédio do componente vegetal, e em face das interações estabelecidas por essas populações humanas na sua relação com os recursos naturais, podem estar associadas a duas características comuns entre ambas: a origem da população das regiões sul e sudeste, e a ocupação do espaço caracterizada como urbano industrial. Estas características são bastante distintas da realidade encontrada por Pasa *et al.* (2005), onde a comunidade apresenta certo isolamento em relação à área urbana e as plantas mais utilizadas são nativas e empregadas para atender necessidades de subsistência, (alimento e remédio), enquanto o estético (ornamental) praticamente não é enfatizado. Entretanto, nessa mesma comunidade, no acervo de espécies medicinais estão presentes espécies introduzidas. Para os autores acima citados isto se deve à influência dos imigrantes na constituição do acervo de espécies conhecidas e amplamente utilizadas atualmente.

A entrada e o estabelecimento de plantas exóticas em Mato Grosso são seculares. Estima-se que tenha se efetivado um processo semelhante ao ocorrido em outras partes do país com a chegada de europeus, africanos e asiáticos que trouxeram consigo recursos vegetais intrínsecos às respectivas culturas (Albuquerque 2002; Viera e Alves 2003). Nos relatos de viajantes e em registro de expedições científicas

que irromperam por terras mato-grossenses, ainda no século XIX, foram catalogadas espécies exóticas (Saddi 1993; Amorozo 2002b). Mais recentemente o fluxo migratório tem se intensificado e com este, a entrada de propágulos que acompanham a população migrante.

As categorias de uso como: alimentação animal, tóxica, inseticida natural, oleaginosa, mística, assepsia, artesanato e refúgio de avifauna fazem parte do domínio de conhecimento da população mirassolense, porém foram pouco expressivas, aparecendo com uma a duas citações cada. Em Mirassol D'Oeste, a categoria alimentação humana é percebida de maneira detalhada e a ênfase é dada à forma de preparo do alimento e consumo do produto caracterizado como fonte nutricional. Especial atenção constatou-se em relação às plantas prediletas e consumidas pelas crianças. As plantas cultivadas com a finalidade alimentícia reuniram o maior número de categorias de uso local (etnocategorias). O principal critério de classificação dessas categorias adotado por esta população está associado à forma de preparo para o consumo. Santos (2004) encontrou critérios semelhantes no norte de Mato Grosso, porém descreveu o maior número de etnocategorias para as plantas medicinais.

Essa população cultiva espécies cuja categoria de uso está claramente definida. As potencialidades diagnosticadas no presente estudo estão apresentadas na tabela 2, com a respectiva correspondência da categoria de uso e as categorias locais (etnocategorias).

**Tabela 2** - Correspondência entre categorias de uso, etnocategorias indicadas e número de citações. Legenda: UE=número de taxa de utilização exclusiva; EM=número de taxa com indicação multifuncional.

Categoria de uso	Etnocategorias	Nº. de Citações		
		Total	UE	EM
Alimentação Humana	Come a fruta	113	82	31
	Come cozido			
	Toma o chá (não é remédio)			
	Toma o suco			
	Come a salada			
	Come curtido			
Alimentação Animal	Tempero	02	00	02
	Criança come			
Medicinal	Animal come	102	64	38
Tóxica	Remédio	01	00	01
Inseticida Natural	Veneno	01	01	00
	Veneno caseiro			
Uso Místico	Proteção do lar,	02	00	02
	Uso espiritual			
Oleaginosa	Fabrica óleo	01	00	01
Artesanato	Faz rosários e colares	01	00	01
Assepsia	Banhos	01	00	01
Refúgio de avifauna	Deixa porque passarinho gosta	02	00	02

Dentre os 275 táxons cultivados pelos mirassolenses cerca de 80% possuem as potencialidades citadas anteriormente compreendendo utilização exclusiva de uma finalidade para cada espécie.

Dentre as plantas ornamentais, 86% são cultivadas exclusivamente para o embelezamento do domicílio, enquanto que entre as alimentares, em torno de 72% são destinadas especificamente para fins nutricionais.

Outras 46 espécies foram indicadas como multifuncionais destacadas com duas a quatro formas de utilização. 59% destas reúnem as funções alimentar e medicinal, sendo a alimentar o principal atributo. Brito (1996), registrou 6% das espécies como multifuncionais, em quintais de Aripuanã, MT, enquanto Santos (2004), em Alta Floresta e Pasa *et al.* (2005), em Conceição-Açu registram resultados muito próximos aos obtidos em Mirassol D'Oeste, (16%).

A arruda (*Ruta graveolens* L.), para os envolvidos nessa pesquisa é a única espécie com quatro indicações: medicinal, assepsia, ornamental e mística. Para coroa-de-cristo (*Euphorbia milii* Des Moul.), conta-de-lágrima (*Coix lacryma-jobi* L.) e romã (*Punica granatum* L.) foram indicadas três funções simultâneas sendo que a medicinal e a ornamental são comuns a todas. As espécies indicadas de uso espiritual (místico) como guiné (*Petiveria alliacea* L.), fonte de alimentação animal como caruru (*Amaranthus deflexus* L.), e as percebidas como importantes locais de refúgio para avifauna como rabo-de-gato (*Pachystachys lutea* Ness) foram associadas a outras formas convencionais de utilização.

As plantas de maior freqüência nos quintais mirassolenses constam na tabela 3. São 34 espécies indicadas nos dez primeiros níveis de preferência dessa comunidade. Em parte, o cultivo nos quintais de Mirassol D'Oeste está associado ao consumo e à necessidade da população, corroborando com o que Saragoussi *et al.* (1990) descreveram em relação a três comunidades na Amazônia, caracterizando o quintal como um importante espaço na complementação da alimentação e renda familiar. Apresentam uma sazonalidade dos cultivos ao longo do ano em conformidade com as condições climáticas, locais.

Em 27 domicílios, dentre os 29 estudados, as plantas cultivadas contribuem no orçamento familiar em dois aspectos: reduzindo a compra de legumes e frutos, visto que são produzidos no quintal e também pela troca ou venda do excedente dessa produção. O depoimento a seguir elucida essa afirmação: “alguma coisa ajuda, limão para temperar, milho, abóbora, jabuticaba, banana e algumas plantas como remédio, aproveita tudo que tem, se planta bastante colhe bastante, se planta pouco colhe pouco, e evita procurar nas casas dos outros e comprar no mercado” (77, M. S. do S.P.). A afirmação seguinte reflete a relevância das plantas na complementação econômica familiar: “Ajuda bastante, com as plantas da horta, economizo muito, salsinha, cebolinha, coentro não preciso comprar. Nunca fiquei sem cebolinha na minha casa” (52, M. das G.R. da S.).

Somente em um domicílio de classe média baixa (maior renda declarada), o produto procedente do quintal não é

**Tabela 3** - Relação das espécies mais importantes para a população, presentes nos quintais. Legenda: NI= nível de importância; Fa= Freqüência absoluta; Fr= Freqüência relativa; Pl.=Potencialidade indicada; md= medicinal; or= ornamental; al= alimentar.

NI	Taxa	Nome Local	Fa	Fr (%)	Pl.
1º	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	26	89,65	al
2º	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	23	79,31	al
3º	<i>Cereus peruvianus</i> (L.) J.S. Muell.	Mandacaru	22	75,86	md
4º	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	20	68,96	md
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	20	68,96	al
5º	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	19	65,51	al
	<i>Dyopsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf	Coqueirinho	19	65,51	or
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baia	18	62,06	al/md
	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Jabuticaba	18	62,06	al
6º	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra	18	62,06	md
	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné, guiné-da-índia, gambá	18	62,06	md/mt
	<i>Rosa ×grandiflora</i> Lindl.	Roseira-vermelha	18	62,06	or

Tabela 3 - Continuação.

NI	Taxa	Nome Local	Fa	Fr (%)	Pl.
7º	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Pimenta-bode	17	58,62	al
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Erva-de-stª-maria	17	58,62	md
	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thumb.) Ser.	Hortênciã	17	58,62	or
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	17	58,62	md
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	17	58,62	md/as/or/mt
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	17	58,62	al
8º	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	16	55,17	al
	<i>Dianthus chinensis</i> L.	Cravo, cravo-branco, cravo-bordô, vermelho, rosa, amarelo e mesclado	16	55,17	or
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca (cacau, 3 meses, branquinha)	16	55,17	al
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	16	55,17	md
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	16	55,17	al/md
	<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Capitão, bem-me-quer, capitão-vermelho, capitão- amarelo	16	55,17	or
9º	<i>Anthurium ×froebelii</i> Hort.	Antúlio-cor-de-rosa	15	51,72	or
	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques	Folhaginha-folhas-fininhas	15	51,72	or
	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	15	51,72	al/md
	<i>Ixora coccinea</i> L.	Ixória-vermelha	15	51,72	or
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, mangueira, (manga-bourbom, manga-espada, manga-coquinho, manga-de-quilo)	15	51,72	al
	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Palmito-amargo, gueirova	15	51,72	al
10º	<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	14	48,27	or
	<i>Polypodium decumanum</i> Willd.	Samambaia-de-coqueiro	14	48,27	or
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	14	48,27	al/md/or
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	14	48,27	md

considerado como um incremento na renda da família. Entretanto, um estudo piloto realizado em um dos quintais cultivados, cujo proprietário percebe renda mensal em torno de 3,5 salários mínimos, comprovou-se que o complemento pode atingir de 3 a 5 % do orçamento familiar ao longo do ano. Para 7% dessa população, os produtos vegetais cultivados no quintal estão incorporados no consumo cotidiano, de maneira tão natural que passam despercebidos como um incremento na economia doméstica. O produto resultante do cultivo em quintais de Mirassol D' Oeste é reconhecido como um importante complemento na dieta alimentar de

93% das famílias, sendo que para 58% foi avaliado como imprescindível. A afirmação a seguir evidencia que para parte dessa população o cultivo e o aproveitamento dos produtos do quintal estão associados não somente ao poder aquisitivo e/ou necessidade de incremento na dieta da família, mas ao conhecimento e aptidão para o cultivo de plantas: "A gente nota, e isso vejo há muitos anos têm pessoas que não tem necessidade de ficar plantando no quintal, poderia comprar tudo no mercado, na feira, está em situação boa. Mas é que cresceu vendo e ajudando plantar e hoje prefere as frutas e as verduras que ele conhece desde a semente e a muda. Já



em outros casos dá pra perceber que são pessoas necessitadas e não plantam nada ao redor de casa. Fica aquele 'terrenão' (solo fértil) sem proveito. Os motivos, a gente não sabe muito bem quais são, mas só a parte financeira eu acho que não é" (69, E.C.).

Em torno de 17% dos quintais os moradores manejam plantas nativas com utilização ornamental, na pesca, e medicinal. Espécies como laranjinha (*Pouteria glomerata* (Miq.) Radlk.), samambaia-de-coqueiro (*Polypodium decumanum* Willd.), e chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltdl.) Micheli), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão) foram as encontradas nos quintais, em que o período de permanência do morador no local é superior a 20 anos.

A incorporação dessas espécies nos quintais se deve às interações estabelecidas pelos moradores com o ambiente de ocorrência dessas plantas e com pessoas conhecedoras dos respectivos atributos conferidos a estas. Sobre a laranjinha (*Pouteria glomerata* (Miq.) Radlk.), um entrevistado argumentou: "Esta é planta só daqui, (referindo se a Mato Grosso) veio lá dos lados da fronteira na beira do rio, com um povo daqui. É isca pra pesca e o peixe vem. Foi plantada para ver se brotava, e olha aí o pé crescendo" (52, O.A.P.M.). Manifestações dessa natureza revelam a importância do quintal como um espaço de experimentação sobre cultivo de plantas ainda pouco conhecidas, indissociada da interação dos saberes humanos, que contribui na constituição de um arcabouço de conhecimento, acerca de espécies locais e do meio sobre o qual ele interage direta e indiretamente. Ainda em relação às espécies nativas, em Mirassol D' Oeste a aroeira obteve uma indicação, como medicamento, enquanto que em Porto Limão, uma comunidade tradicional na fronteira do Brasil com a Bolívia, essa espécie foi citada com o maior índice de importância medicinal para a população local, tanto pelos múltiplos usos quanto pelo número de citações (Cabral e Carniello 2004). As espécies nativas aqui tratadas, também foram catalogadas entre as multifuncionais e de intensa utilização, pela população Cacerense que é, em sua maioria, nativa da região. Constatou-se ainda que em 67% dos quintais dessa população, as plantas nativas estão presentes e com funções definidas. (Carniello *et al.*, 2003). Desse modo pode-se inferir que as interações estabelecidas entre populações migrantes e locais podem possibilitar o acesso de ambos a conhecimentos recíprocos sobre plantas presentes nos fragmentos locais e também sobre as introduzidas de outras regiões por intermédio do fluxo migratório da população.

Dentre os *taxa* apresentados na tabela 3, 8% são considerados nativos por essa população. Dois são plantas espontâneas cosmopolitas: o quebra-pedra (*Phyllanthus tenellus* Roxb.) e a erva-de-santa-maria (*Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants). Ambos constam em estudos realizados em diversas regiões do Brasil. Também se registrou

nos quintais as espécies: espeteiro-do-mato (*Casearia sylvestris* Sw.) e jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne).

Se por um lado o alto número de espécies introduzidas pelos migrantes contribui com a disseminação e diversificação do componente vegetal em território mato-grossense por outro, o baixo número de espécies nativas conhecidas e utilizadas por essa população, é um indicador de que a maioria destes ainda não estabeleceu uma identidade com as plantas locais. Isto pode acarretar a substituição de espécies nativas por exóticas introduzidas devido ao valor (simbólico e utilitário) atribuído às espécies pertencentes à essa categoria. As últimas consubstanciam um acervo de recursos vegetais e conhecimento intrínseco, que acompanham essa população ao logo de décadas. Guarim Neto e Moraes (2003) alertam para o problema do desconhecimento das plantas do cerrado associado à acelerada devastação deste bioma genuinamente brasileiro, que ocupa parte do território no qual está inserido o município de Mirassol D'Oeste.

Outro aspecto que favorece a manutenção e *status* de conhecimento apresentado acima é a estreita relação desses migrantes com as suas regiões de origem, reproduzindo em quintais mato-grossenses réplicas de quintais do sul e sudeste do Brasil, inclusive com espécies típicas. Em um deles foram catalogadas espécies como: araucária (*Araucaria* sp.), ameixa (*Prunus domestica* L.), cereja (*Prunus* sp.), morango (*Fragaria* sp.), nêspera (*Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl.), salvia (*Salvia officinalis* L.), consorciadas a uma grande quantidade de plantas ornamentais, adquiridas em floriculturas. Neste caso a informante apresentou as espécies mencionadas acima, todas comuns do seu Estado de origem, ao mesmo tempo em que manifestava a satisfação com a aquisição e o manejo do quintal assim constituído. As plantas e demais elementos presentes no quintal promovem a ligação do cotidiano desta família com o seu local de origem e contribuem na manutenção de características culturais por intermédio do manejo adotado. Contexto similar foi registrado em outros quintais de migrantes da região sudeste. Manifestações como as descritas acima revelam o sentimento afetivo e a percepção desses seres humanos em relação aos seus locais de origem. Este sentimento de estreita relação com o local de origem e reprodução da cultura a qual um povo está filiado é conceituado por Tuan (1980), como topofilia compreendendo uma íntima relação estabelecida entre seres humanos com o seu lugar de origem.

Em todos os quintais, as plantas nativas com maior aceitação são as samambaias, tendo maior representação a espécie *Polypodium decumanum* Willd. (samambaia-de-coqueiro) que ocupa o 10º nível de importância e orquídeas (*Cattleya nobilior* Rchb. f. e *Cyrtopodium paranaense* Schltr.) ambas denominadas por essa população exclusivamente como "orquídea". Para Rico-Gray *et al.* (1990), estas evidências

podem ter como conseqüência uma redução do banco genético de espécies naturais da região.

Segundo Amorozo (2002a), “a fisionomia de quintais e jardins é moldada por combinações e variações de sua estrutura, função e tamanho. Seu conteúdo e seu destino estão firmemente atrelados à sua história, que é a história da família ou famílias que ocuparam o domicílio e refletem situações e experiências vividas por seus membros. Assim, quintais e jardins de migrantes podem conter plantas das regiões de origem, quintais antigos podem estar conservando variedades raras, ou mesmo algumas que havia no ambiente original antes de sua conversão para agricultura extensiva”. Consoante com este pressuposto o presente estudo revelou que: limitações econômicas, hábitos alimentares, o cultivo de plantas que simbolizam as respectivas regiões de origem da população, os atributos imputados às espécies cultivadas; e, a tradição de manejo agrícola migrados com a população para o espaço urbano são fatores basilares no manejo e manutenção dos quintais de Mirassol D'Oeste.

É pertinente destacar aqui, que na natureza, à medida que uma planta é percebida como de relevância para um dado grupo pode ser poupada em decorrência dos benefícios revertidos aos que a conhecem, porém, nos casos de utilização excessiva, principalmente com o comércio informal corre o risco de escasamento e até de extinção. A segunda situação é muito comum a várias espécies da flora brasileira. A poaia (*Psychotria ipecacuanha* (Brot.), Stokes), base econômica da região da bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso, em meados do século passado é um típico exemplo dessa problemática, que para Oliveira e Martins (2002), consiste em erosão genética. Nos quintais estudados ocorre situação inversa. As espécies que gozam de alguma preferência por parte dos moradores são cultivadas como um bem a ser conservado, no próprio quintal sob manejo diferenciado, envolvendo adubação, poda e cultivo de vários espécimes, e distribuição de propágulos para vizinhos e parentes quando estes se interessam. A distribuição dos propágulos funciona como uma alternativa, garantindo a reposição em caso de perda de uma determinada espécie, no próprio quintal. Em Mirassol D' Oeste registrou-se este fato, mais fortemente no manejo de plantas medicinais. Junto à população de Santo Antonio de Leverger, no entanto, essa precaução da população foi registrada em relação às variedades de mandioca, (Amorozo, 2002a). Os quintais constituem um relevante espaço pedagógico onde pessoas de diferentes faixas etárias realizam cotidianamente experimentações sobre plantio e manejo de espécies vegetais. Tais práticas possibilitam a construção de conhecimentos, ancorados na história de vida, nas relações estabelecidas com as plantas e com os grupos sociais (vizinhos e parentes) com os quais compartilham a arte de plantar, colher e conservar.

Com o estabelecimento de uma convivência prolongada com cada unidade física (o domicílio) e familiar (os respectivos responsáveis) no cotidiano, foram revelados naturalmente, aspectos que possibilitaram o registro do acervo de espécies dos quintais de Mirassol D' Oeste, estabelecidos em pequenos espaços. Cada *locus* é monitorado e manejado à luz do conhecimento do proprietário e familiares engendrado no cotidiano como um bem precioso para a coletividade.

## AGRADECIMENTOS

Aos informantes que compartilharam conosco valiosa sabedoria. À Dr<sup>a</sup> Maria Christina de M. Amorozo pela leitura e sugestões ao manuscrito. Obrigada!

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- Albuquerque, U.P.; Andrade, L.H.C. 2002. Traditional botanical knowledge and conservation in an area of caatinga in Pernambuco state, Northeast Brazil. *Acta Botanica Brasilica* 16(3): 273-285. (in Portuguese, with abstract in English).
- Alcorn, J.B. 1997. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: Schultes, R.E.; Reis, S.V. (Eds.). *Ethnobotany – Evolution of Discipline*. Dioscorides Press, Portland. p. 23-39.
- Alexiades, M.N. 1996. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. The New York Botanical Garden Press, New York 306p.
- Amorozo, M.C.M. 1996. The ethnobotanical approach in medicinal plants research. In: Di Stasi, L.C. (Org.) *Medicinal plants: Art and Science: a guide to interdisciplinary research*. Editora UNESP, São Paulo. p.47-68. (in Portuguese).
- Amorozo, M.C.M. 2002a. Traditional agriculture, enduring spaces and the joy of planting. In: Albuquerque, U.P. de; Alves, A.G.C.; Silva, A.C.B.L.; Da Silva, V.A. (Orgs.). *Actualities in Ethnobiology and Ethnoecology*. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Ed. SBEE, Recife, PE. p. 123-131. (in Portuguese).
- Amorozo, M. C.M. 2002b. Use and diversity of medicinal plants in Santo Antonio do Leverger, MT, Brazil. *Acta Botanica Brasilica*, 16 (2):175-188. (in Portuguese, with abstract in english).
- Bernard, H.R. 1988. *Research methods in cultural anthropology*. Sage Publications, Newbury Park, CA. 520pp.
- Brasil. Ministry of Health, National Health Foundation 2001. Information system of indigenous health. FUNASA, Cuiabá, Mato Grosso. (in Portuguese).
- Brito, M. A. 1996. Social use of biodiversity in agroforestry yards of Aripuanã – Mato Grosso. (Master Dissertation), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso. 108pp. (in Portuguese, with abstract in english).
- Brito, M.A.; Coelho, M.F. 2000. The agroforestry yards at tropical regions – units sustainable in self. *Tropical Agriculture Journal* 1(1): 7-38. (in Portuguese, with abstract in english). (in Portuguese, with abstract in English).

- Caballero, J. 1979. Ethonobotany. In: Barrera, A. (Ed.). *La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva*. INIREB, Xalapa. p. 27-30. (in Spanish).
- Cabral, C.D.O.; Carniello, M.A. 2004. Use medicinal models of aroeira, *Myracrodruon urundeuva* Fr. All. at Porto Limão, Cáceres, Mato Grosso. In: *4th Symposium Nature Resources, Economic and Social in Pantanal. – Regional Sustentable*. Corumbá, MS. *Annals* - Corumbá, EMBRAPA-Pantanal. (<http://www.cpap.embrapa.br>). Acesso: 14/02/05. (in Portuguese).
- Carniello, M.A.; Cabral, C.D.O.; Santos-Silva, R. 2003. Homegardens: spaces of the biodiversity conservação at Cáceres. In: Bezerra, D.O.S.; Castrillon, S.K.I. (Orgs.). *Environmental and social basis for urban plan of the Cáceres city, Mato Grosso*. Unemat/FAPEMAT, Cáceres, Mato Grosso. p. 30-33. (in Portuguese).
- Cronquist, A. 1981. *An integrated system of classification of flowering plants*. Columbia University Press, New York. 1.262pp.
- Ferreira, M.S.F.D.; Dias, F.M.S. 1993. Comparison of the usage of space for yards in two neighborhoods at Cuiabá municipality-MT. In: *Annals of 4th National Symposium of Environment Studies*, 1993, Cuiabá, Mato Grosso. p. 83-91. (in Portuguese, with abstract in english).
- Freire, A.G.; Melo, M.N.; Silva F.S.; Silva, E. 2005. In the surroundings of home and animals in homegarden. *Agricultures*, 2: 20-23. (in Portugues).
- FIBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics). 1992. Technical Manual of Brazilian Vegetation - *Geosciences Research methods - Manual*. Vol 1. IBGE, Rio de Janeiro. 92 pp. (in Portuguese).
- FIBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics). 2005. Municipal Social Indicators: An Analysis of the results of Census 2000, Brazil and Major Regions. (<http://www.ibge.gov.br>). Accessed:11/01/05. (in Portuguese).
- Guarim Neto, G.; Morais, R.G. 2003. Medicinal plants resources in the Cerrado of Mato Grosso State, Brazil: a review. *Acta Botanica Brasilica*, 17(4):561-584. (in Portuguese, with abstract in english).
- Kumar, B.M.; Nair, P.K.R. 2004. The enigma of tropical homegardens. *Agroforestry Systems*, 61:135-152.
- Ludke, M.; André, M.E.D.A. 1986. *Research in Education: qualitative approaches*. EPU, São Paulo, SP. 99pp. (in Portuguese).
- Martin, G.J. 1995. *Ethnobotany – a methods manual*. Chapman & Hall, Londres. 268pp.
- Martins, A.L.U. 1998. *Homegardens Urban in Manaus: organization, space and plant resources in the neighborhood Jorge Teixeira*. (Master Dissertation), Centro de Ciências do Ambiente/Universidade do Amazonas, Manaus, Amazonas. 79pp. (in Portuguese, with abstract in English).
- Ming, L.C. 1996. Collection of Medicinal Plants. In: Di Stasi, L.C. (Org.). *Medicinal plants: Art and Science: a guide to interdisciplinary research*. Editora UNESP, São Paulo. p. 69-86. (in Portuguese).
- Miranda, L.; Amorim, L. 2001. *Mato Grosso: geographical atlas*. Entrelinhas, Cuiabá, Mato Grosso. 40pp. (in Portuguese).
- Moran, R.C. 1995. Key to ferns families. In: Davidse, G.; Souza, M.S.; Knapp, S. (Eds.). *Flora Mesoamericana. Vol. I. Psilotaceae a Salviniaceae*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF. p. 1-2. (in Spanish).
- Noda, H.; Noda, S.N. 2003. Traditional familiar agriculture and conservation of socio-Amazonian biodiversity. *Interações – Interacional Journal of Local development*, 4(6): 55-66. (in Portuguese).
- Oakley, E. 2004. Homegardens: a cultural responsibility. *Agroforestry Systems* 1 (1): 37-39. (in Portuguese).
- Oliveira, L.O.; Martins, E.R. 2002. A quantitative assesment of genetic erosion in ipeca (*Psycotria ipecauanha*). *Genetic Resources and Crop Evolution*, 49: 607-617.
- Pasa, M.C.; Soares, J.J.; Guarim-Neto, G. 2005. Ethnobotany study in community of Conceição-Açu (on the upper basin of the River Aricá Açu, MT, Brazil). *Acta Botânica Brasilica*, 19 (2):195-207. (in Portuguese, with abstract in english).
- Prance, G.T. 2000. Ethnobotany and the future of conservation. *Biologist*, 47(2): 65-68.
- Ribeiro, J.E.L. da S.; M.J.G. Hopkins; A. Vicentini; Sothers, C.A.; Costa, M.A. da S.; Brito, J.M.; Souza, M.A.D. de; Martins, L.H.P.; Lohmann, L.G.; Assunção, P.A.C.L.; Pereira, E. da C.; Silva, C.F. da; Mesquita, M.R. e Procópio, L.C.. 1999. *Flora of Reserva Duque - Identification guide of vascular plants from an terra firme forest in Central Amazonia INPA-DFID*. 816pp. (in Portuguese).
- Rico-Gray, V.; Garcia-Franco, J.G.; Chemas, A.; Puch, A.; Sima, P. 1990. Species, composition, similarity, and structure of Mayan Homegardens in Tixpeaul and Tixcaltuyub, Yucatán, México. *Economic Botany*, 44 (4): 470-487.
- Saddi, N. 1993. The observations of Riedel, Langsdorff Botanical Expedition, Mato Grosso (Brazil), in the Manuscript D'Alincourt. In: Costa, M.F.G. (Org.) *Traveling between manuscripts Langsdorff and D'Alincourt*. Ed. Universitária, Cuiabá. p. 36-49. (in Portuguese).
- Santos, S. 2004. *An ethnoecological study of homegardens at Alta Floresta municipality- MT*. (Master Dissertation), Instituto de Biociências/Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso. 167pp. (in Portuguese, with abstract in English).
- Saragoussi, M.; Martel, J.H.L.; Ribeiro, G. 1990. A Comparison of yard compositions in three localities of terra firme in the State of Amazonas. In: Posey, D.A.; Overal, W.L.; Clement, C.R.; Plotkin, M.J; Elisabetsk, E; Da Mota, C.N.; Barros, J.F.P.L. (Org.). *Ethnobiology: implications and applications*. Vol. 2. CNPq/ Museu Goeldi, Belém. p. 295 -303. (in Portuguese).
- SEPLAN - State Government of Mato Grosso - Zoning / Map Server - Ministry of Planning and General Coordination - Superintendence of Information - SEPLAN – SINF. (<http://www.seplan.mt.gov.br>) Accessed: February, 02, 2005. (in Portuguese).
- Finance Department of Mirassol D 'Oeste municipality, MT - Department of Real Estate Cadastre - Database updated in January 2006 – Printed version. February, 14, 2006. (in Portuguese).

- Silva, L.O. 2004. Homegardens: the backyard and brasilian dwelling-houses. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, 11(12): 61-78. (in Portuguese, with abstract in english).
- Soemarwoto, O.; Conway, G.R. 1992. The javanese homegarden. *Jornal for forming systems research-extension*, 2(3): 95-118.
- Souza, V.C.; Lorenzi, H. 2005. *Systematic Botany: a illustrated guide to the identification of families to Angiosperms Brazillian Flora - APG II based*. Instituto Plantarum, Nova Odessa, São Paulo. 640p. (in Portuguese).
- Stevens, P. F. *Angiosperm Phylogeny Website*. (<http://www.mobot.org/MOBOT/reserch/APweb/>). Acesso: November, 18, 2005.
- Tuan, Y.F. 1980. *Topophilia: a stude of perception, attitudes and values of environment*. DIFEL, São Paulo. 288pp. (in Portuguese).
- Vieira, R.F.; Alves, R.B.N. 2003. Challenges for the conservation of genetic resources of medicinal and aromatic plants in Brazil. In: Cole, ME, Costa Junior, P.; Dombroski, JLD (Orgs.). *Different views on ethnobiology, ethnoecology and medicinal plants*. Unicem publicações, Cuiabá. p. 121-136. (in Portuguese).

Recebido em 23/11/2007

Aceito em 14/12/2009

**Anexo 1** - Tabela 1 - Plantas encontradas nos quintais de Mirassol D'Oeste, MT. Legenda: Ref. = número de coleta (Carniello, M. A. *et al.*), # = número de tomo no HRCB, il=identificada no local e fotografada; Nc=número de citações para a planta; Hb=hábito: ar=arbóreo, hb=herbáceo, at=arbusivo, sa=subarbusivo, ep=epífita, tr=trepador (lianas e cipós), pr=prostrado; Pi=potencialidade indicada: al=alimentação humana, aa=alimentação animal, md=medicinal, or=ornamental, mt=mística, ar=artesanato, is=inseticida natural, ol=oleaginoso, as=assepsia, ra=refúgio da avifauna, tx=tóxica; pni=potencialidade não indicada; ni=sem denominação local; \*sensu Cronquist, (1981).

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<b>Acanthaceae</b>					
<i>Crossandra infundibuliformis</i> Nees	Cossadro	11	at	or	137
<i>Justicia brandegeana</i> Wassh. & L. B. Sm.	Erva-cidreira-de-folha	12	hb	md, al	164
<i>Odontonema strictum</i> (Nees) Kuntze	Junta-de-grilo	2	at	or	156
<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Camarão-amarelo, rabo-de-gato, enfeito	3	at	or, ra	132
<b>Adoxaceae</b>					
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttdl.	Sabugueiro	6	at	md	149
<b>Alismataceae</b>					
<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Chapéu-de-couro	4	hb	md	2.565
<b>Amaranthaceae</b>					
<i>Alternanthera dentata</i> (Moench) Stuchlik ex. R.E. Fr.	Terramicina	6	hb	md	178
<i>Amaranthus deflexus</i> L.	Caruru	3	hb	al, aa	498
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	1	hb	al	il
<i>Celosia argentea</i> L.	Crista-de-galo, crista-de-galo-mini	7	hb	or	131
<i>C. cristata</i> L.	Crista-de-galo	2	hb	or	190
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Erva-de-santa-maria, menstruz	17	hb	al, md	373
<b>Amaryllidaceae</b>					
<i>Hippeastrum striatum</i> (Lam.) H.E. Moore	Sucena-do-campo, lírio	3	hb	or	485
<i>Scadoxus multiflorus</i> (Marty) Raf. subsp. <i>katherinae</i> (Baker) Friis & Nordal	Coroa-de-anjo-rosa, coroa-imperial, coroa-de-finados	4	hb	or	il
<b>Anacardiaceae</b>					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	16	ab	al	198
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga, mangueira, (manga-bourbom, manga-espada, manga-coquinho, manga-de-quilo)	15	ab	al	41.908#
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira, árvore-aroeira	1	ab	md	51
<i>Spondias cythera</i> Tussac	Cajamanga	2	ab	al	il
<i>S. purpurea</i> L.	Seriguela	2	ab	al	il
<b>Annonaceae</b>					
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	19	ab	al	il
<b>Apiaceae</b>					

Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	8	hb	al, md	182
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-bravo, coentro, coentro-da-folha-larga, coentro-japonês	2	hb	al	489
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	9	hb	al, md	129
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nyman ex A. W. Hill	Salsinha, salsa, salsa-de-cheiro	11	hb	al	il
<b>Apocynaceae</b>					
<i>Allamanda cathartica</i> L.	Papoula	1	tr	or	372
<i>A. blanchetii</i> A. DC.	Papoula-bordo	1	tr	or	187
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa-noite, bom-dia	4	hb		136
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira-cor-de-rosa	3	at	or	196
<i>Tabernaemontana coronaria</i> (Jacq.) Willd.	Jasmim	10	at	or	389
<b>Araceae</b>					
<i>Anthurium ×froebelii</i> hort.	Antulio-vermelho	8	hb	or	378
<i>Colocasia esculenta</i> L.	Inhame (clones branco, roxo, chinês e japonês) "taro"	5	hb	al	il
<i>Spathiphyllum cannaefolium</i> Schott	Copo-de-leite branco	13	hb	or	154
<i>S. wallisi</i> Regel	Lírio-da-paz-miudo (branco)	2	hb	or	376
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> Schott	Taioba	3	hb	al, or	il
<b>Araliaceae</b>					
<i>Polyscias cf. balfouriana</i> (hort. ex André) L.H. Bailey	Árvore-de-eneite	4	at	or	il
<i>Schefflera actinophylla</i> (Endl.) Harms	Chefêria	2	at	or	il
<b>Arecaceae</b>					
<i>Bactris</i> sp.1	Pupunha-de-espinho, pupunha-espinhuda	1	ab	al	il
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-baia	18	ab	al, md	250
<i>Dypsis lutescens</i> (H. Wendl.) Beentje & J. Dransf.	Coqueirinho	19	at	or	il
<i>Orbignya oleifera</i> Burret	Babaçu, babaçu-do-mato	1	ab	al	il
<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Palmito-amargo, gueirova	15	ab	al	il
<i>Syagrus</i> sp.2	Pupunha-lisa	1	ab	al	il
<b>Araucariaceae</b>					
<i>Araucária</i> sp.3	Araucária	1	ab	or	il
<b>Asteraceae</b>					
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasito, erva-de-são-joão	7	hb	md, al	173
<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna, losninha	7	hb	md	41.921#
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	9	hb	md	379
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão, picão-preto	6	hb	md	il
<i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg ex Sweet	Camomila	4	hb	md	186
<i>C. lanceolata</i> L.	Sem denominação local (ni)	2	hb	or	138
<i>Chrysanthemum leucanthemum</i> L.	Margarida-branca	4	hb	or, md	382
<i>C. segetum</i> L.	Bom-senhor-amarelo	8	hb	or	147
<i>Cichorium endivia</i> L.	Almeirão, ameirão-amargo, almeirão-japonês, almeirão-branco.	11	hb	al	il
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC	Serralha, serralha-doce	8	hb	al	il
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	4	hb	al, md	il
<i>Solidago chilensis</i> L.	Arnica, arnica-do-campo, arniquinha	13	hb	or, md	185



Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-amarelo	1	hb	or	152
<i>Taraxacum officinale</i> F.H. Wigg.	Dente-de-leão	1	hb	md	il
<i>Unxia kubitzkii</i> H. Rob.	Enfeite	7	hb	or	195
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Caferana	5	hb	md	191
<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Capitão, bem-me-quer, capitão-vermelho, capitão-amarelo.	16	hb	or, md	117
Asterceae (indeterminada)	Boldo-japonês	1	at	md	il
<b>Balsaminaceae</b>					
<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	Beijo, beijo-roxo, beijo-japonês-branco, beijo- cor-de-rosa, beijo-japonês-mesclado	11	hb	or	120, 142 143, 144
<b>Bignoniaceae</b>					
<i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaça-de-árvore, coité	2	ab	pni	il
<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Sem denominação local (ni)	2	at	or	170
<b>Bixaceae</b>					
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum, coloral	8	ab	al, md	574
<b>Boraginaceae</b>					
<i>Cordia</i> cf. <i>ecalculata</i> Vell.	Chá-de-bugre, aporangaba.	1	ab	md	il
<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	6	hb	md	il
<b>Brassicaceae</b>					
<i>Brassica</i> cf. <i>carinata</i> A. Braun	Couve, couve-manteiga	9	hb	al	il
<i>B. rapa</i> L.	Mostarda	6	hb	al	il
<i>Cleome hassleriana</i> Chod.	Mussambê	1	ab	md	492
<i>Eruca sativa</i> Mill.	Rúcula	8	hb	al	il
<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Agrião	3	hb	al, md	il
<b>Bromeliaceae</b>					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi-pérola, (pêra, branco e ananás)	11	hb	al	il
<b>Cactaceae</b>					
<i>Cereus peruvianus</i> (L.) J.S. Muell.	Mandacaru	22	at	md	il
<i>Opuntia vulgaris</i> Mill.	Palma, figo.	6	at	or, al	il
<i>Nopalea cochenillifera</i> (L.) Salm-Dyck	Palma-banana	1	at	md	il
<i>Rhipsalis baccifera</i> (J.S. Muell.) Stearn	Cacto-pérola	2	ep	or	495
<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran	Flor-de-maio-cor-de-rosa	13	hb	or	153
<b>Caricaceae</b>					
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão-macho, mamão-papaia, mamão- formoso, mamão-engana-moleque	23	ab	al, md	172
<b>Caryophyllaceae</b>					
<i>Dianthus chinensis</i> L.	Cravo (morfortipos: cravo-bordô, branco, vermelho, rosa, amarelo e mesclado)	16	hb	or	490
<b>Celastraceae</b>					
<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Espinheira-santa, casca-sagrada	8	at	md	128
<b>Chrysobalanaceae</b>					
<i>Licania tomentosa</i> (Benth.) Fritsch	Oiti	2	ab	or	il
<b>Clusiaceae</b>					
<i>Hypericum perforatum</i> L.	Erva-de-são-joão	1	hb	md	il

Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<b>Commelinaceae</b>					
<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R. Hunt	Enfeite	9	hb	or	139
<b>Convolvulaceae</b>					
<i>Evolvulus glomeratus</i> Nees & C. Mart.	Enfeite	8	pr	or	375
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata-doce (branca, amarela e roxa)	7	pr	al	209
<b>Costaceae</b>					
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caninha-do-brejo, cana-de-macaco, banana-de-macaco	7	hb	md	165
<b>Cucurbitaceae</b>					
<i>Cucurbita maxima</i> Duchense	Moranga	1	pr	al	il
<i>C. pepo</i> L.	Abóbora-menina, abóbora	1	tr	al	168
<i>Cucurbita</i> sp.4	Abóbora-gigante	1	tr	al	il
<i>C. moschata</i> Duchesne	Abóbora-comum, abobrinha	9	pr	al	il
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão-caetano, melão-caetano-grande	4	pr	al, md	23
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	5	tr	al	il
Cucurbitaceae (indeterminada)	Chuchu-gigante, chuchu-de-quilo	2	tr	al	ni
<b>Cupressaceae</b>					
<i>Chamaecyparis</i> sp.5	Pinheiro-de-natal	2	ab	or	il
<b>Davalliaceae</b>					
<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C. Presl	Samambaia-de-metro	13	hb	or	il
<b>Dioscoreaceae</b>					
<i>Dioscorea</i> cf. <i>bulbifera</i> L.	Cara-muela, inhame	1	tr	al	il
<b>Equisetaceae</b>					
<i>Equisetum giganteum</i> L.	Cavalinha, cavalinha-do-brejo	2	hb	md	572
<b>Ericaceae</b>					
<i>Rhododendron</i> sp.6	Azaleia	2	at	or	199
<b>Euphorbiaceae</b>					
<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Coroa-de-cristo, coroa-imperial	5	hb	or, md, tx	578
<i>E. pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	Bico-de-papagaio, bico-de-papagaio-vermelho, bico-de-papagaio-rosa	10	at	or, ra	166
<i>E. tirucalli</i> L.	Cancerosa-palitinho,	5	hb	md	il
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão-branco	1	at	md	234
<i>J. gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	1	at	md	247
<i>J. podagrica</i> Hook.	Bálsamo	5	at	md, or	581
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca (cacau, de 3meses e branquinha)	16	at	al	277
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	3	at	ol, md	il
<b>Fabaceae-Caesalpinioideae</b>					
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro, árvore-pau-ferro	1	ab	md	742
<i>C. pulcherrima</i> (L.) Sw.	Brinco-de-princesa (vermelho)	2	at	or	374
<i>C. sepiaria</i> Roxb.	Brinco-de-princesa (alaranjada)	1	at	or	497
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá, jatobá-do-cerrado	1	ab	pni	13
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	3	at	md	42.001#
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	2	ab	al	673

Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<b>Fabaceae-Mimosoideae</b>					
<i>Calliandra brevipes</i> Benth.	Batata-de-bode,	1	at	pni	150
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá	1	ab	al	19
<b>Fabaceae-Papilionoideae</b>					
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp	Feijão-andu, andu	2	sa	al	401
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão-comum	2	hb	al	il
<i>Vicia faba</i> L.	Fava, feijão-fava	2	tr	al	il
<i>Vigna cf. unguiculata</i> (L.) Walp.	Feijão-de-vara, feijão-de-corda	3	tr	al	il
<i>Vigna</i> sp.7	Feijão-orelha-de-padre, feijão-frade	1	tr	al	il
Fabaceae-Papilionoideae (indeterminada)	Feijão-catadô, catadô	2	tr	al	Ni
<b>Heliconiaceae</b>					
<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Bananeirinha	2	hb	or	384
<b>Hydrangeaceae</b>					
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thumb.) Ser.	Hortência	17	at	or	146
<b>Juncaceae</b>					
<i>Juncus</i> sp.8	Junco	3	hb	md	il
<b>Lamiaceae</b>					
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Tapera-velha	1	hb	md	532
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Levanda	1	hb	md, al	il
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Cordão-de-frade	2	hb	md	381
<i>Mentha piperita</i> L.	Horlelã	13	hb	md	il
<i>M. pulegium</i> L.	Poejo	16	hb	md	il
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	3	sa	al, md	499
<i>O. gratissimum</i> L.	Alfavaca	11	hb	md	41.984 <sup>#</sup>
<i>Ocimum</i> sp.9	Sofre-do-rim-quem-quer	3	at	md	496
<i>Origanum vulgare</i> L.	Orégano, mangerona	2	hb	al	il
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	17	hb	md	171
<i>Plectranthus</i> sp.10	Hortelanzão	3	hb	md	484
<i>Salvia officinalis</i> L.	Salvia	1	hb	al	il
<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd.	Folhagem-vermelha, folhagem-amarela	8	hb	or	125
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	14	hb	md	il
<b>Lauraceae</b>					
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela, canela-de-casca	5	ab	al, md	il
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	2	at	al	il
<b>Liliaceae*</b>					
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha-de-folha, cebolinha-de-conserva.	26	hb	al	il
<i>A. sativum</i> L.	Alho (comum, japonês e aipoidirruon)	9	hb	al	il
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa, silué	20	hb	md	il
<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques	Folhaginha	14	hb	or	192
<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth	Folhagem	4	at	or	167
<i>Herreria salsaparilha</i> Mart.	Salsaparilha, salsa-paredão	6	tr	md	il
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-são-jorge	6	hb	or, mt	385
<b>Lythraceae</b>					

Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	Sete-sangria	1	hb	md	il
<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Arvinha-de-natal-branca, arvinha-de-natal-roxa.	9	ab	or	582
<i>Punica granatum</i> L.	Romã, mini-romã, romã-de-jardim	14	ab	al, md, or	181
<b>Malpighiaceae</b>					
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	20	ab	al	41.908 <sup>#</sup>
<b>Malvaceae</b>					
<i>Dombeya wallichii</i> (Lindl.) K. Schum.	Árvore-estrapeia	1	ab	pni	il
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão, algodão-anul	3	hb	md	il
<i>Gossypium</i> sp.11	Algodão-de-árvore	1	ab	md	42.028 <sup>#</sup>
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo, quiabo-comum	7	sa	al	il
<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibiscus-vermelho, hibisco-grande-dobrado, hibiscus-rosa	3	at	or	148
<i>Hibiscus</i> sp.12	Beijão, chorãozinho	3	at	or	169
<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex. Spreng.) K. Schum.	Cupuaçu	4	ab	al	il
<b>Marantaceae</b>					
<i>Maranta arundinacea</i> L.	Araruta	1	hb	md	il
<b>Melastomataceae</b>					
<i>Schizocentron elegans</i> (Schltdl.) Meisn	Flor-do-Taba-hotel	1	hb	or	115
<b>Moraceae</b>					
<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Fruta-pão	1	ab	al, md	il
<i>A. integrifolia</i> L. f.	Jaca	2	ab	al	il
<i>Ficus carica</i> L.	Figo	5	at	al, md	il
<b>Musaceae</b>					
<i>Musa paradisiaca</i> L. (cultivar AAA - cavendish)	Banana-nnica, banana-nanicão, banana-d'água	13	at	al	il
<i>M. paradisiaca</i> L. (cultivar AAB – subgrupo “plantain”)	Banana-de-fritar, banana-maranhão, banana-da terra.	9	at	al	il
<i>M. paradisiaca</i> L. (cultivar AAB maçã)	Banana-maçã	2	at	al	il
<i>M. paradisiaca</i> L. (cultivar AAB)	Banana-são-tomé	2	at	al	il
<b>Myrtaceae</b>					
<i>Eugenia pitanga</i> (O. Berg) Kiaersk.	Pitanga	13	ab	al	179
<i>E. stipitata</i> Mc Vaugh	Araçá	6	ab	al	180
<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg.	Jaboticaba	18	ab	al	il
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	16	ab	al, md	il
<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Jambo, jambo-baiano	1	ab	al	il
<i>S. malaccense</i> (L.) Merr. & L.M.Perry	Jambo-vermelho	1	ab	or, al	il
<b>Nyctaginaceae</b>					
<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Primavera-rosa-dobrada	1	tr	or	183
<i>B. glabra</i> Choisy	Primavera-lilás-forte	4	tr	or	189
<b>Oleaceae</b>					
<i>Jasminum pubescens</i> (Retz.) Willd.	Jasmim	2	at	or	145
<b>Orchidaceae</b>					
<i>Cattleya nobilior</i> Rchb. f.	Orquídea, orquídea-roxa	9	ep	or	il

Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<i>Cattleya</i> sp.13	Orquídeas (com flores de diferentes cores e dimensões).	12	ep	or	il
<i>Cymbidium</i> sp.14	Orquídea (de flores amarelas, rosas e brancas)	7	ep	or	il
<i>Cyrtopodium palmifrons</i> Rchb. f. & Warm.	Orquídea-de-cacho-amarelo, Orchidea-de-coqueiro	2	ep	or	42
Orchidaceae (indeterminada)	Orquídea	1	ep	or	174
<b>Oxalidaceae</b>					
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	6	ab	al, md	388
<i>Oxalis triangularis</i> A. St -Hil.	Trevo-roxo	12	hb	or	194
<b>Passifloraceae</b>					
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	12	tr	al, md	124
<i>Passiflora</i> sp.15	Maracujina-vermelha	1	tr	al, md	93
<b>Phyllanthaceae</b>					
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra-pedra	18	hb	md	il
Phytolaccaceae					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné, guiné-da-índia, gambá.	18	hb	md, mt	486
<b>Piperaceae</b>					
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta-do-reino	8	tr	al	il
<i>P. umbellatum</i> L.	Jaborandi	1	at	md	380
<b>Plantaginaceae</b>					
<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	12	hb	md	200
<i>Russelia equisetiformis</i> Schtdl. & Cham.	Rabo-de-pavão, brinco-de-princesa	7	hb	or, md	370
<b>Plumbaginaceae</b>					
<i>Plumbago capensis</i> Thunb.	Sem denominação local (ni)	1	tr	or	493
<b>Poaceae</b>					
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Conta-de-lágrima, são-josé, conta-milagrosa	3	hb	or, md, at	155
<i>Zea mays</i> L.	Milho	3	hb	al	il
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim-santo, capim-cidreira	9	hb	md	281
<i>C. flexuosus</i> (Nees ex Steud.) Will. Watson	Capim-eucalipto, capim-acaípe	1	hb	md	il
<b>Polygonaceae</b>					
<i>Antigonon guatemalense</i> Meisn.	Amor-juntinho	4	tr	or	140
<i>Polygonum ferrugineum</i> Wedd.	Erva-de-bicho (da beira do rio)	1	hb	md	90
<b>Polypodiaceae</b>					
<i>Polypodium decumanum</i> Willd.	Samambaia	14	ep	or	397
<b>Portulacaceae</b>					
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Onze-horas-alaranjada, onze-horas-amarela, ora-por-nobe, fura-tacho	7	hb	or, aa	119
<b>Pteridaceae</b>					
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl.	Avenca	13	hb	or	il
<i>Pityrogramma calomelanos</i> (L.) Link var. <i>calomelanos</i>	Samambaia-do-brejo	6	hb	or	1.051
<b>Rosaceae</b>					
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Nêspera	1	ab	al	il
<i>Fragaria</i> sp.16	Morango, moranguinho	2	hb	al	il



Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixa	1	ab	al	il
<i>Prunus</i> sp.17	Cereja	1	at	al	il
<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosa-menina, roseira-menina-vermelha	9	hb	or	158
<i>Rosa</i> × <i>grandiflora</i> Lindl.	Roseira-príncipe-encantado,	18	sa	or	161
<i>Rosa</i> sp. 18	Rosa-salmão	2	sa	or	159
<i>Rosa</i> sp. 19	Roseira-cafelista	2	sa	or	488
<i>Rosa</i> sp. 20	Roseira-santista	1	hb	or	il
<i>Rosa</i> sp. 21	Rosa-vermelho-vivo	1	sa	or	160
<i>Rosa</i> sp. 22	Roseira-príncipe-negro	1	sa	or	il
<i>Rosa</i> sp. 23	Roseira de cacho-cor-de-rosa	10	tr	or	157
<b>Rubiaceae</b>					
<i>Coffea arabica</i> L.	Café (cultivares vermelho, amarelo e gigante)	6	ab	al	il
<i>Ixora finlaysoniana</i> Wall. ex G. Don	Ixorio-gigante, ixoria-branca	1	at	or	487
<i>I. macrothyrsa</i> Teijsm. & Binn.	Ixoria-vermelha	1	at	or	483
<i>I. coccinea</i> L.	Ixora-pequena	15	at	or	126
<i>I. undulata</i> Roxb.	Ixora-cor-de-rosa	3	at	or	573
<i>Mussaenda erythrophylla</i> Schumach. & Thonn.	Mussaenda	4	at	or	133
<i>M. philippica</i> A. Rich.	Mussaenda-palha	3	at	or	130
<b>Rutaceae</b>					
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Limão-taiti	4	ab	al, md	il
<i>C. cf. aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Limão-galego	7	ab	al, md	il
<i>C. limonia</i> (L.) Osbeck	Limão-cravo, limão-rosa, limão-comum	9	ab	al, md	il
<i>C. limettioides</i> Tanaka	Lima	3	ab	md	il
<i>C. medica</i> L.	Laranja-cidra, laranja-de-doce	2	ab	al	il
<i>C. reticulata</i> Blanco	Tagerinas (mexirica, moricota, poncã)	10	ab	al	il
<i>C. sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja, laranja-comum, laranja-pêra, laranja-de-doce, laranja-baiana.	6	ab	al	52
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	17	hb	md, as, or, mt	176
<b>Salicaceae</b>					
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Espeteiro, espeteiro-do-mato	1	ab	pni	il
<b>Sapotaceae</b>					
<i>Pouteria glomerata</i> (Miq.) Radlk.	Laranjinha	1	ab	pni	42.058#
<b>Solanaceae</b>					
<i>Brugmansia suaveolens</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Bercht. & J. Presl	Beladona-branca	3	at	md, or	175
<i>Capsicum annuum</i> L.	Pimentão	2	hb	al	il
<i>C. baccatum</i> L.	Pimenta-cumari, pimenta-cumbari, pimenta-pombari, pombari.	7	hb	al	il
<i>C. chinense</i> Jacq.	Pimenta-bode, pimenta-de-cheiro,	17	hb	al	il
<i>C. frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta, malagueta-doce	11	hb	al	il
<i>Capsicum</i> sp.24	Pimenta-bodona	1	hb	al	1.353
<i>Capsicum</i> sp.25	Pimenta-de-enfeite, mini-pimenta	6	hb	or	1.354

Anexo 1 - Tabela 1 - Continuação.

Nome Científico	Denominação Local	Nc	Hb	Pi	Ref.
<i>Capsicum</i> sp.26	Pimenta-bodinho, Pimenta-bode-preta	2	hb	al	1.355
<i>Capsicum</i> sp.27	Pimenta-bugre	1	hb	al	1.356
<i>Capsicum</i> sp.28	Pimenta doce, pimenta-de-fritar	8	hb	al	1.384
<i>Capsicum</i> sp.29	Pimenta-doce ou chifre de veado	1	hb	al	1.385
<i>Capsicum</i> sp.30	Pimenta-dente-de-leão	1	hb	al	1.386
<i>Capsicum</i> sp.31	Pimenta-coração-de-galinha	1	hb	al	1.387
<i>Capsicum</i> sp.32	Pimenta-chapéu-de-bispo	1	hb	al	1.388
<i>Capsicum</i> sp.33	Pimenta-dedo-de-moça	4	hb	al	1.392
<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Tomate, tomate comum	8	hb	al	il
<i>L. pimpinellifolium</i> Dunal	Tomatinho, tomatinho-azedo, tomatinho-pera, tomatinho-caipira	11	hb	al	il
<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	9	hb	is	491
<i>Petunia axillaris</i> (Lam.) Britton, Stern & Poggenb.	Biscatinha	5	hb	or	121
<i>Solanum americanum</i> Mill.	Maria-preta	2	hb	md, al	il
<i>S. gilo</i> Raddi	Jiló, gilozão	2	hb	al	il
<i>S. paniculatum</i> L.	Jurubeba	7	at	md	177
<i>S. scabrum</i> Mill.	Beringela	1	hb	al	il
<b>Turneraceae</b>					
<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Guaxuma-de-jardim	1	hb	or	579
<b>Urticaceae</b>					
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	2	ab	pni	301
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina média	7	hb	or	386
<i>P. nummulariifolia</i> (Sw.) Wedd.	Folhaginha, dinheiro-em-penca	6	hb	or	188
<b>Verbenaceae</b>					
<i>Clerodendron thomasonae</i> Balf.	Cipó-trepadeira, lágrima-de-cristo	3	tr	or	151
<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	14	ab	or	197
<i>Lantana camara</i> Linn	Cambará, cambarazinho	1	at	or	118
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Erva-cidreira-de-folha,	12	sa	md, al	164
<i>Petrea subserrata</i> Cham.	Árvore-de-natal	1	ab	or	576
<i>Priva bahiensis</i> A. DC.	Sem denominação local (ni)	1	hb	pni	577
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão	4	hb	md	123
<i>Tectona grandis</i> L. f.	Teca	1	ab	or	il
<i>Verbena ×hybrida</i> Groenl. & Rumpler	Colchão-de-niva-vermelho	1	hb	or	116
<b>Vitaceae</b>					
<i>Cissus</i> cf. <i>verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Insulina, insulina-de-cipó	1	tr	md	il
<i>Vitis</i> sp.34	Uva (rosada e Izabel)	1	tr	al	il
<b>Zingiberaceae</b>					
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Nóz-moscada	5	hb	md	371
<i>A. purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Bananeirinha	2	hb	or	127
<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	15	hb	al	il
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	17	hb	md, al	il
Coletada e não identificada	Bloquel-de-noiva	1	at	or	575